CADERNOS DE INTERPRETAÇÃO ICONOGRÁFICA

IV

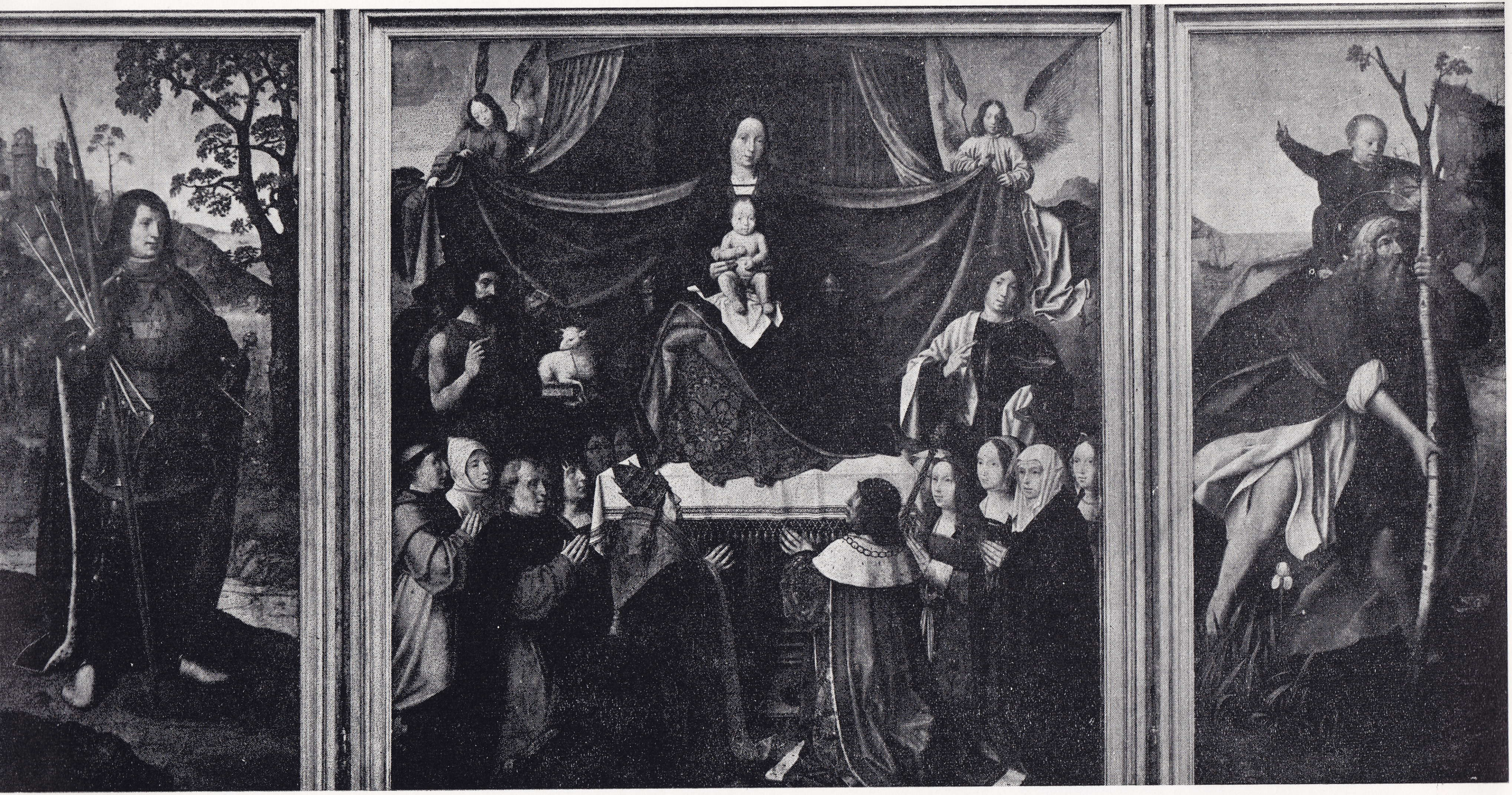
O TRÍPTICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO FUNCHAL

**

A TAPEÇARIA DO TEMPLO DE LATONA DO MUSEU DE LAMEGO

JOSÉ DOS SANTOS CARVALHO

O TRÍPTICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO FUNCHAL



O Tríptico da Santa Casa da Misericórdia do Funchal
(C. de 1517-1521)



IDENTIFICAÇÕES DEDUZIDAS

1 — PADRE MANUEL DE NORONHA
2 — LUIS GONÇALVES DE ATAÍDE
3 — SIMÃO GONÇALVES DA CÂMARA
4 — JOÃO GONÇALVES DA CÂMARA
5 — D. DUARTE DE MENEZES
6 — D. FILIPA DE NORONHA
7 — PAPA LEÃO X

8 — REI D. MANUEL
9 — D. LEONOR DE VILHENA
10 — D. ISABEL DE ABREU
11 — D. BEATRIZ
12 — D. ISABEL DA SILVA
13 — D. ISABEL
14 — D. MARIA

HISTÓRIA CONHECIDA DO TRÍPTICO

Veio do Funchal para Lisboa «não se sabe como nem porquê» e aqui está exposto no Museu Nacional de Arte Antiga.

Foi atribuído ao pintor flamengo João Provost por Bodenhansen, Friedlämder e Karl Justi.

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA E ICONOGRAFIA

Descoberta a Ilha da Madeira, foi doada à Ordem de Cristo e dividida em três capitanias: Funchal, Machico e Porto Santo.

Aos capitães donatários pertenciam os rendimentos das suas capitanias e os seus cargos transmitiam-se aos herdeiros por via VARONIL. Porém, a soberania pertencia à Coroa.

O primeiro capitão do Funchal foi João Gonçalves Zargo, apelido que adoptou por ter ficado cego de um olho, combatendo ao lado do Infante Santo na tentativa da conquista de Tanger, do que muito se honrava.

Os seus descendentes receberam do Rei o sobrenome de «Câmara de Lobos», que ficou reduzido ao apelido «Câmara».

O segundo capitão do Funchal foi João Gonçalves da Câmara que casou com D. Maria de Noronha e faleceu em 1501.

O terceiro capitão, Simão Gonçalves da Câmara, nasceu cerca de 1461 e recebeu o apelido de sua Mãe (por ser filho segundo), que depois mudou para Câmara, quando assumiu o governo da capitania, sob pena de a perder, segundo a expressa determinação do Rei D. Manuel I.

Foi apelidado de «O Magnifico», tendo enviado ao Papa Leão X um original e raro presente constituido por vários mimos da Ilha, um cavalo pérsico levado à rédea por um mouro, a reprodução do palácio Sacro em açúcar e as figuras dos cardiais em alfenim.

Foi portador da oferta um fidalgo seu criado de nome João de Leiria, que levou como intérprete o cônego da Sé do Funchal Vicente Martins.

Casou pela primeira vez com D. Joana de Castelbranco e dela teve os seguintes filhos:

1 — João Gonçalves da Câmara, 4.° capitão do Funchal, nascido em 1489 e que casou com D. Leonor de Vilhena, filha do Conde de Tarouca D. João de Menezes e da condessa D. Joana de Vilhena. Faleceu em 1536 na idade de 47 anos.

2 — Manuel de Noronha — Seguiu a vida eclesiástica e, tendo ido a Roma, o Papa o nomeou seu camareiro secreto e lhe deu vários benefícios. Entregou-lhe também o chapéu de Cardeal para ele o trazer ao Infante D. Afonso (filho do Rei D. Manuel). Foi cônego das Sés do Porto e de Lamego e depois bispo nesta última cidade, tendo sido nomeado cerca de 1550. Edificou o cláustro e varandas da Catedral lamecense e nela construiu três magnificas capelas. Também lhe são devidas as capelas do Espírito Santo e da Senhora dos Meninos na mesma cidade. Faleceu em 1569.

3 — João Rodrigues de Noronha — Casou com D. Isabel de Abreu «e foi capitão de Ormuz na India, em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, seu cunhado, que foi no ano de 1521; e antes que entrasse na fortaleza, o foi do mar da costa de Diu, e serviu bem a El-Rei, até ser capitão de Ormuz».

4 — D. Filipa de Noronha — Casada com D. Duarte de Menezes (filho herdeiro do conde de Tarouca D. João de Menezes), que foi o 16.° Capitão de Tânger e o 5.° Vice-Rei da India.

Do segundo casamento de Simão Gonçalves da Câmara com D. Izabel da Silva, filha de D. João de Ataíde, filho herdeiro do Conde de Tarouca, houve a seguinte geração:

5 — João Gonçalves de Ataíde: «que morreu mancebo sem casar».

6 — Luís Gonçalves de Ataíde, que ainda vivia em 1590 (vidé páginas 159, 193 e 222 das «Saudades da Terra») e veio a ser Senhor da Ilha Deserta.

Teve também três filhas:

7 — D. Beatriz, que vivia em 1590 «freira no Mosteiro de Santa Clara do Funchal, mulher mui antiga» que foi várias vezes abadessa dessa casa.

8 — D. Isabel, freira no Convento Referido.

9 — D. Maria, também freira no mesmo convento.

O quarto capitão do Funchal, João Gonçalves da Câmara, foi, em 1513, mandado por seu pai, com 800 homens, pagos à sua custa, secundar a expedição chefiada por D. Jaime, duque de Bragança, e ordenada pelo Rei D. Manuel para submeter a cidade de Azamor, no norte de África, que, sendo tributária desde 1486, se havia revoltado contra o domínio português. A expedi-

ção seguiu para África, tendo-se rendido a praça com grande facilidade (1) em 2 de Setembro de 1513.

O duque de Bragança voltou para Portugal no mesmo ano, deixando D. João de Tarouca Menezes como governador da praça, mas a hoste madeirense ainda lá ficou de guarnição e reforço por mais de um ano. (2).

Passado pouco tempo, soube D. João de Menezes que «numa vila forte, que se chama Baluão estavam dois alcaides do rei de Fez que tencionavam juntar-se às gentes do rei de Mequines para irem pôr cerco a Azamor. (3).

Por isso «determinou de ir pelejar com eles e destruir a vila».

Saiu de Azamor em 12 de Abril de 1514 e, dois dias depois, com a hoste disposta em cinco «azes», duma das quais era capitão João Gonçalves da Câmara, «chegou à vista dos alcaides, depois do sol saído, os quais estavam em um campo razo». «E porque D. João viu que alguns dos mouros encaminhavam para uma serra (4) que está junto deste campo, à qual se se acolhessem, os não poderia cometer à sua vontade, mandou logo tocar as trombetas, encaminhando para eles». Os mouros, «vendo a determinação dos nossos e que se não podiam já recolher à serra, senão com muito perigo, porque forçadamente haviam de passar um canal de um rio de enxurrada que então estava seco, fizeram rosto» e «traziam diante os espingardeiros e besteiros». D. João acometeu-os «e os fez voltar todos para a serra, no alcance dos quais foi até chegar ao rio seco, o qual não quis passar por saber o perigo que nisso havia». (5).

«Porém seus capitães, como iam com fúria, se passaram; e visto pelos mouros quão poucos estes eram... — voltaram sobre os nossos que já se vinham recolhendo, e deram neles com tanto ímpeto que os guiões (dos capitães) Álvaro de Carvalho e João da Silva se perderam; mas João Gonçalves da Câmara pelejou de tal maneira que não perdeu o seu, e se veio recolhendo a seu passo cheio com sua gente para D. João, fazendo de quando em quando voltas sobre os mouros, de que se saiu a seu salvo, ainda que veio ferido de uma seta no braço esquerdo, que trouxe pegada nele, e a adaga também coberta de setas, até se acabar a batalha» (1). «Nesta e em outras entradas se achou este valoroso capitão João Gonçalves, verdadeiro ramo de seu pai, triunfante sempre dos mouros, e trazendo deles grandes despojos, em catorze vezes que residiu em Azamor». (2)

João Gonçalves - da Câmara «era estremado cavaleiro» (3).

O capitão Simão Gonçalves, «por ter muitos filhos e ser de muita idade, vendo que ele era casado,... rogou-lhe que quisesse governar a ilha, e ele que se contentava com uma certa porção cada ano; porque, no fim de seus dias, para sua quietação, se queria recolher em um lugar afastado dos negócios do governo e da mesma ilha com seu filho Manuel de Noronha, que então residia no Porto e tinha lá boas rendas de igrejas; com o qual propósito renunciou o governo da ilha por sua procuração em seu filho João Gonçalves da Câmara»; e, na era de 1528, veio tomar posse da ilha este seu filho, que residia na Corte; no mesmo ano foram ambos para a cidade do Porto; e o capitão velho Simão Gonçalves se foi aposentar em Matozinhos com seus criados,... onde esteve um ano (4). «Tiveram fim seus dias na entrada do ano de 1530». (5). «Ao tempo que faleceu, estava na Corte João Gonçalves da Câmara, seu filho, que logo no ano seguinte se fez prestes para ir à ilha governar a Capitania» (6).

Do 4.° Capitão do Funchal e de sua mulher D. Leonor de Vilhena foram filhos:

1 — Simão Gonçalves da Câmara — 5.° capitão do Funchal, nascido em 2 de Setembro de 1512.

2 — Luís Gonçalves da Câmara — que veio a ser padre professo da Companhia de Jesus.

Houve ainda mais filhos deste capitão.

(1) — Tenente-Coronel Sarmento (Alberto Artur). Ensaios Historicos da Minha Terra, Funchal, 1946, pág. 75
(2) — Ibidem, pág. 76.
(3) — Damião de Góis, Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel, Coimbra, 1954, Parte III, pág. 195 e seg.
(4)—A Serra Verde. Vide As Saudades da Terra, Funchal, 1873, pág. 206
(5)—Damião de Góis, ob. cit., pág. 198.

(1) — As Saudades da Terra, Funchal, 1873, pág. 206.
(2) — Ibidem, pág. 208.
(3) — Ibidem, pág. 209.
(4) — As Saudades da Terra, Funchal, 1875, pág. 194.
(5) — Ibidem, pág. 195.
(6) — Ibidem,

*

Passemos agora ao estudo da história dos primeiros bispos do Funchal.

O primeiro foi D. Diogo Pinheiro nomeado em 1514 e falecido em 1526. Como era D. Prior e Vigário do Convento de Cristo de Tomar, Conselheiro de Estado e desembargador do Paço, cargos que não lhe permitiam assumir directamente o governo episcopal, nunca exerceu pessoalmente o seu numus nem chegou a ir à Madeira.

Sucedeu-lhe em 1533 D. Martinho de Portugal, que veio a falecer em 1547, sem nunca ter visitado a sua diocese.

O hospital velho do Funchal estava instalado num sobrado ou pavimento por cima das capelas do Espírito Santo e das Chagas da igreja paroquial de Santa Maria Maior.

Como o local era úmido e insalubre, após várias petições dos provedores, foi este hospital transferido para um novo que se construiu mais ou menos onde é hoje o Terreiro da Sé, e que estaria concluído na última década do século XVII.

A Confraria da Misericórdia do Funchal foi estabelecida por carta régia de 1514 e, por outra carta régia do mesmo ano, foi-lhe anexado e entregue o hospital velho.

Estava instalada na igreja paroquial de Santa Maria Maior, que era contígua ao hospital velho, mas D. João III revogou essa concessão de seu pai, presumindo-se que, desde então, tenha ficado a funcionar na Capela dos Santos Reis, próximo do hospital, a este doada no ano de 1514.

Deve-se ao Rei D. Manuel a edificação do hospital velho para o que encarregou das obras o Bacharel João Fernandes de Amil em 1507. Os trabalhos prolongaram-se, estando ainda por concluir em 1515, facto que muito contrariou o soberano.

O Cardeal João de Médicis foi eleito papa em 1513, tomando o nome de Leão X. Os grandes projectos da sua vida foram a igreja de S. Pedro e fazer guerra aos turcos, que de dia para dia se tornavam mais perigosos. Em política, propôs-se, como Júlio II, a libertar a Itália e o domínio pontifício do jugo dos estrangeiros, aliando-se ora com a França, ora com Veneza, ora com a Alemanha.

Em 1517 escreveu aos reis de Inglaterra e da França para apressarem os seus socorros na guerra contra os turcos e prepararem as suas armadas para se juntarem às suas e às do rei de Espanha com o fim de acossarem o inimigo comum. Porém, deste intento nada resultou, devido às dissenções entre os príncipes cristãos.

Leão X veio a aliar-se com o imperador Carlos V contra o rei Francisco I de França e o Cardeal Júlio de Médicis entrou vencedor em Milão. O papa quis ser testemunha dos festejos com que os seus queriam celebrar a vitória e conservou-se entre eles muito tempo durante a noite, indo do fogão para a janela entreaberta do salão. Isso lhe provocou um catarro de que veio a falecer no 1 de Dezembro de 1521, na idade de 46 anos.

*

O Rei D. Manuel nasceu em 1469 e sucedeu a D. João II no ano de 1495. Faleceu em 13 de Dezembro de 1521.

D. Duarte de Menezes foi o 16.° capitão de Tânger e o 5.° Vice-Rei da India, onde se encontrava em 1521. Devido às tropelias que praticou, foi mandado prender pelo novo Vice-Rei D. Vasco da Gama, logo após a sua chegada a Goa em 11 de Setembro de 1524 e regressar ao Reino, onde esteve preso durante 7 anos no castelo de Torres Vedras. Não há a certeza se faleceu no cárcere, ou se recuperou a liberdade, vindo depois a morrer obscuramente.

Em 1905, o Dr. Leite de Vasconcelos esteve em Roma onde, no Arquivo Secreto do Vaticano, procurou referências respeitantes à diocese de Lamego.

No livro MISCELLANEA encontrou:

«1517 — Pro Emmanuelle Norogna clerico funchalensi, camerario secreto Papae Leonis, super canonicatu ecclesiae Lamacencis ac ecclesiae, S. Michaelis Danriade et S. Johanis Daraina (sic)». (1) Isto quer dizer que o Papa Leão X concedeu ao Padre Manuel de Noronha os benefícios de Cónego da Sé de Lamego e os rendimentos das igrejas de S. Miguel de Anriade e S. João de Tarouca.

---

(1) — Leite de Vasconcellos, **Memórias de Mondim da Beira.**

ROTEIRO PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS FIGURAS DO PAINEL

Este tríptico é constituído por um painel central quase quadrado e por duas abas ou volantes que se podem dobrar cobrindo o painel central.

PAINEL CENTRAL

Na sua metade superior a figura principal representa Nossa Senhora da Misericórdia reconhecível pelo seu grande manto sustido por 2 anjos, tendo à sua direita S. João Baptista com os atributos de um cordeiro colocado sobre um livro, e à sua esquerda a figura de S. João Evangelista reconhecível pela taça donde sai um dragão que representa o vinho envenenado com que o quiseram intoxicar.

A Virgem, com o Menino ao colo, está colocada sobre um altar coberto com uma alva toalha bordada à volta do qual se encontram catorze personagens, sete de cada lado.

As duas figuras mais em evidência, colocadas no primeiro plano, de cada lado da linha média vertical são um Papa identificável pela tiara (mitra de 3 coroas) e um rei reconhecível pela coroa que está sobre uma almofada junto aos seus joelhos.

Verificamos que no triângulo situado nas costas da capa de asperges usada pelo papa o qual termina em borla no ângulo inferior, se vê uma cena em que se divisa um homem com traje madeirense bem reconhecível pelo barrete de vilão que usa. Este homem faz o gesto com a mão direita, de entregar uma caixinha redonda a um cavaleiro revestido de armadura.

Ambos estes personagens estão acompanhados de outro homem.

Como a cena está desenhada nas costas do papa concluímos que se trata da figuração da entrega ao Papa Leão X, acompanhado de um fâmulo e revestido de armadura para significar que estava preparado para a guerra, do presente enviado por Simão Gonçalves da Câmara. O portador, será pois o fidalgo João de Leiria e o acompanhante será o cônego da Sé do Funchal Vicente Martins, seu intérprete. As SAUDADES DA TERRA não mencionam o ano do envio do presente de Simão Gonçalves a Leão X, mas poderemos calcular que teria sido perto de 1517, pois é nesse ano que o Papa Leão X concede os benefícios acima referidos ao Padre Manuel de Noronha.

Então este painel deve ter sido pintado cerca de 1517, ou pouco tempo depois.

O Rei é, portanto, D. Manuel, que faleceu em 1523 e nunca poderia ser D. João III que por esses tempos era ainda um moço. Surge-nos agora, com evidência, a ideia de que a figura do velho ajoelhado atrás do Papa e que olha para a cena acima referida, corresponde a Simão Gonçalves da Câmara, e que o homem colocado à sua esquerda é seu filho João Gonçalves da Câmara que teria então cerca de 30 anos, idade que o retrato, na verdade, aparenta.

Atrás de Simão Gonçalves encontra-se um homem jovem com tonsura e traje de clérigo, o qual identificamos como o Padre Manuel de Noronha. Ao lado esquerdo deste vê-se um rapaz com um capuz que aparenta dez a doze anos o que o identifica como sendo Luiz Gonçalves de Ataíde que em 1590 «AINDA VIVIA», o que nos leva a supôr que teria então cerca de 80 anos.

À esquerda e acima de João Gonçalves da Câmara está um homem com um tipo fisionómico muito diferente do seu, seguindo-se-lhe uma senhora.

Identificamos este par como constituído por D. Duarte de Meneses e sua mulher D. Filipa de Noronha, filha do 1.° casamento de Simão Gonçalves de Câmara.

Notamos neste grupo de família a ausência de João Rodrigues de Noronha, que antes de 1521, quando seu cunhado D. Duarte de Menezes foi nomeado governador da Índia, era capitão do Mar da Costa de Diu e por isso se compreende a sua não figuração no painel, onde ainda está D. Duarte de Menezes.

Outra ausência que notamos é a de João Gonçalves de Ataíde, que se explica por este ter morrido mancebo.

Examinemos agora o grupo de senhoras situado à direita do Rei D. Manuel.

A colocada no primeiro plano, tal como Simão Gonçalves da Câmara, deve ser a sua segunda mulher D. Isabel da Silva. Está vestida de luto talvez pela morte de seu pai ou de seu filho João Gonçalves de Ataíde.

A menina colocada à sua direita será, pois, a sua filha mais velha D. Beatriz.

A menina colocada atrás de D. Isabel da Silva e de que se vê somente uma pequena parte do rosto será a sua terceira filha D. Maria.

Por exclusão de partes e por estar muito mais em evidência que a anterior, a figura colocada atrás de D. Isabel da Silva deve ser a sua segunda filha D. Isabel.

A senhora colocada simetricamente a João Gonçalves da Câmara, junto à esquina do altar deve ser sua mulher D. Leonor de Vilhena.

A senhora que se encontra à direita de D. Leonor de Vilhena e cuja face está meio encoberta pelo Ceptro do Rei deve ser D. Isabel de Abreu, mulher de João Rodrigues de Noronha. Pode explicar-se a sua presença por não ter acompanhado o marido para a Índia e a identificação poderia confirmar-se pelo facto de o brazão dos Abreus incluir 3 bastões de peregrino e o ceptro real também ser um bastão.

Notemos agora que as figuras de S. João Evangelista e de S. João Batista tiveram como modelo João Gonçalves da Câmara (reparar na identidade de nomes) aparecendo na figura do último santo as barbas que lhe pertencem.

Sendo frequente aparecerem nos paineis das Misericórdias as figuras dos bispos das respectivas dioceses, não estranhamos não encontrar neste o retrato de D. Diogo Pinheiro, visto que ele nunca esteve na Madeira até à sua morte em 1526. Este facto também nos leva a deduzir que o quadro não teria sido pintado em Lisboa, onde o bispo residia.

Os retratos da família de Simão Gonçalves da Câmara, por serem bem individualizados, conduzem-nos à dedução de que foram executados na Ilha da Madeira.

A ausência de uma rainha no painel leva-nos à dedução de que ele foi executado durante a viuvez do Rei D. Manuel, isto é, entre a morte da Rainha D. Maria (7 de Março de 1517) e o terceiro casamento desse Rei (Novembro de 1518).

ABA DIREITA

Nela está representado S. Sebastião, um dos padroeiros menores do Funchal (1).

Logo notamos que a sua face é extraordináriamente parecida com a de João Gonçalves da Câmara, que certamente serviu de modelo para a imagem, com a armadura que deve ter usado na campanha de África e com as setas de S. Sebastião na mão esquerda, em vez de cravadas no corpo nu, como é usual ver-se (2).

(1) — As Saudades da Terra, Funchal, 1875, pág. 194.

(2) — Lembremo-nos que João Gonçalves foi ferido no braço esquerdo.

Verificamos que a figura está no leite de um rio seco, (o que deduzimos pela areia e pedras polidas pela água) e que do outro lado se vê uma serra verde, no cimo do qual está uma fortaleza provavelmente para lembrar a fortaleza de Baluão.

ABA ESQUERDA

Nela está representado S. Cristóvão identificável por trazer o Menino Jesus aos ombros e se apoiar no varapau com folhas.

Verificamos que o ribeiro onde está o Santo se confunde com o Mar, onde vemos um navio à vela e uma ponta de terra.

Na margem do ribeiro aparecem conchas de mexilhão.

Deduzimos que o pintor quiz lembrar que a cena se passa na Ilha da Madeira, onde não há rios, mas sim certas ribeiras que logo se confundem com o Mar.

Neste mesmo painel vemos o ermitão que aconselhou Cristóvão a mudar de vida.

Está sentado à porta da sua cabana ou gruta, lendo um livro.

REVERSOS DAS ABAS DO TRÍPTICO

Os reversos das abas do tríptico têm pintadas em «grisaille» as figuras de S. Pedro e S. Paulo.

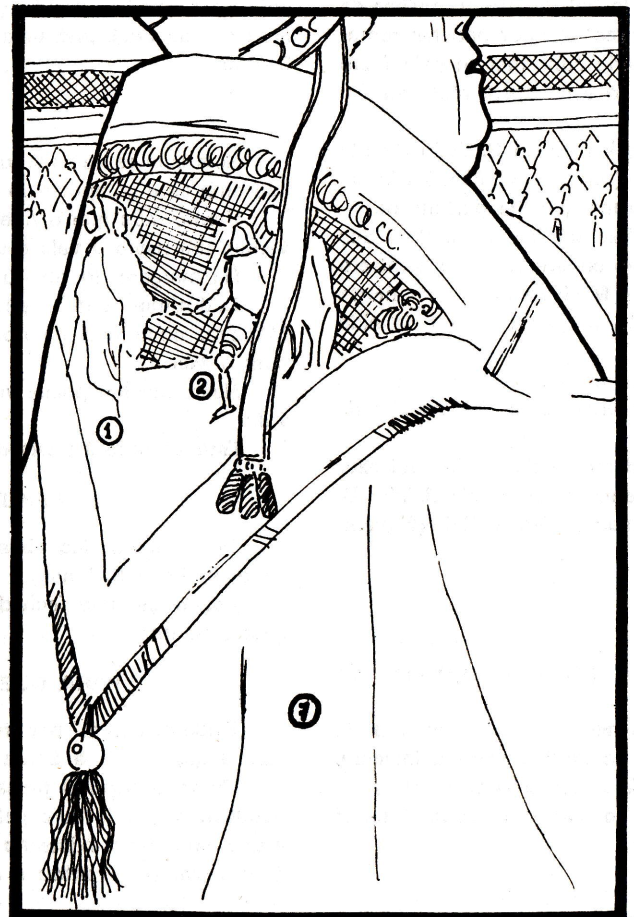
Assim, estando fechadas as abas do Tríptico, vêem-se somente as imagens destes Santos.

PARA QUE LUGAR FOI PINTADO O TRÍPTICO?

Evidentemente, por representar Nossa Senhora da Misericórdia, para a capela que servia a Santa Casa do Funchal. Qual capela?

Como o tríptico fechado mostra as imagens de São Pedro e São Paulo, deduzimos que foi a capela desses Santos fundada por João Gonçalves Zargo e que ainda hoje existe no Funchal, no largo de São Paulo. Ora, foi junto a esta capela que se levantou o edifício destinado ao primeiro hospital. (1).

(1) — **Elucidário Madeirense**, Volume III, pág. 274.



A Cena de entrega do Presente de Simão Gonçalves da Câmara ao Papa Leão X.

A TAPEÇARIA DO TEMPLO DE LATONA DO MUSEU DE LAMEGO

INTERPRETAÇÃO ICONOGRÁFICA DA TAPEÇARIA

«O TEMPLO DE LATONA»
DO
MUSEU DE LAMEGO

BASES HISTÓRICAS

O Arquiduque de Áustria e Imperador da Alemanha Frederico III, casado com a nossa Infanta D. Leonor (irmã do Rei D. Afonso V), adoptou como sua orgulhosa divisa as vogais A.E.I.O.U., iniciais de

«AUSTRIA EST IMPERARE ORBI UNIVERSO»

(À AUSTRIA PERTENCE DOMINAR EM TODO O MUNDO)

Sempre desejoso de aumentar o poderio da Casa de Habsburgo, pretendeu casar seu filho, o Arquiduque Maximiliano, com Maria, filha única do poderosíssimo e opulento Carlos o Temerário, duque de Borgonha (1).

As negociações começaram a 2 de Outubro de 1473. O imperador ofereceu ao duque erigir os seus estados em reino, desde que ele reconhecesse a suserania do Império.

O duque insistiu sobretudo em obter o título de Rei dos Romanos, isto é, de sucessor de Frederico no Império Alemão.

De 7 a 12 de Novembro realizaram-se visitas entre os dois soberanos, para tratar do casamento e da realeza a conferir a Carlos.

Mas o duque queria que a coroação fosse antes dos esposórios, ao passo que o imperador pretendia o contrário.

O imperador declarou então ao duque que era melhor adiar qualquer resolução definitiva e anunciou a sua partida de Trêves, onde era hóspede do duque, para o dia 25 de Novembro. Porém, dois dias antes dessa data, sem disso dar conhecimento ao duque, partiu num navio que o levou a Colónia com seu filho Maximiliano, que o acompanhara.

(1) — Neto de D. João I, que muito se orgulhava da sua ascendência portuguesa.

«O Duque de Borgonha não sabia esquecer as injúrias. Todos os seus projectos foram desde então subordinados ao desejo de fazer com que o imperador se arrependesse do ridículo que lhe havia infligido».

Invadiu a Alemanha, pôs cerco à cidade de Neuss e Frederico III declarou-lhe guerra.

Porém, o imperador e o duque acabaram por reconhecer que não havia vantagem em serem inimigos e prosseguiram as negociações do casamento.

Carlos havia recusado sua filha a Maximiliano, mas revezes que sofreu quebraram o seu orgulho e levaram-no a assinar com Frederico um tratado de aliança, com a condição de que o casamento de Maximiliano e de Maria fosse celebrado em Novembro de 1476.

Morrendo o duque em 6 de Janeiro de 1477, sua filha, Maria de Borgonha, confirmou a promessa do seu casamento com Maximiliano feita por seu pai e o arquiduque chegou a Gand em 18 de Agosto desse mesmo ano, realizando-se o casamento no dia seguinte, com grande pompa.

*

O Padre Manuel de Noronha, foi nomeado bispo de Lamego cerca de 1550. Faleceu em 1569, tendo legado a sua tapeçaria à catedral desta cidade, (1) de onde, com toda a probabilidade, passou para o paço episcopal, hoje museu, ali constituindo uma valiosa e raríssima colecção de que Lamego se orgulha com toda a razão.

OBSERVAÇÃO E DEDUÇÕES

Ao centro vê-se o altar de Latona, Deusa da Fecundidade e da Saúde, ladeado por duas colunas com as estátuas de seus filhos Apolo e Diana (Artemisa).

A cena representa quatro mulheres de semblante colérico e munidas de cacetes com que ameaçam um homem barbudo, tendo um joelho em terra, e um jovem, de pé, ambos levantando um braço em atitude de defesa.

Este último apresenta nariz aquilino e aparenta idade de 14 ou 15 anos.

De cada lado do trono de Latona situam-se grupos de personagens, entre

(1) — As Saudades da Terra, Funchal, 1873.

as quais podemos ver, à esquerda, um bispo ou cardeal identificado pela mitra e murça de arminho.

No grupo à direita do observador, há portadores de oferendas, um dos quais derrama sobre o altar o líquido contido num vaso, um bispo incensando-o com um turíbulo e uma mulher segurando um cesto.

Na orla do saio envergado pelo homem em evidência no primeiro plano, lêem-se as letras maiúsculas A. E. I. O. U. em dois locais.

As cinco vogais, repetidas, identificam claramente o Imperador Frederico III pela sua divisa.

Temos, então, personagens da vida real numa cena aparentemente mitológica, simbolizando um facto relacionado com Frederico III, em que ele desempenha um papel pouco condiscente com a sua divisa e em que é humilhado por mulheres.

Surge-nos, assim, naturalmente, a hipótese de que a tapeçaria simboliza a cólera de Maria de Borgonha (a senhora com coroa de duquesa), (1) pela ofensa cometida por Frederico III e seu filho Maximiliano,, ao romperem as negociações de casamento.

Agora torna-se evidente que a figura do jovem ameaçado de espancamento corresponde à do Arquiduque Maximiliano, que em 1473 tinha 14 anos de idade.

Atrás de Maria de Borgonha encontra-se uma senhora com um rico toucado ornado de pérolas e pedras preciosas, que poderá ser a figura da terceira mulher de Carlos o Temerário, Margarida, irmã do Rei Eduardo IV de Inglaterra, que casou em 1468 e faleceu em 1503.

Os grupos de pessoas em pé, de cada lado do trono, devem ser retratos de membros da Corte de Borgonha e da comitiva que acompanhou a Trèves Frederico III e seu filho. A esta última deverão pertencer os portadores de oferendas à Deusa da Fecundidade.

A tapeçaria deve ter sido executada entre 23 de Novembro de 1473 e a morte do Temerário, em 5 de Janeiro de 1477, por mandado deste duque, provavelmente numa oficina de Gand onde ele vivia.

Logo que contratado o casamento da duquesa, a tapeçaria não teria já lugar na sua corte, por ser ofensiva de Maximiliano e, portanto, é de pensar que se tivesse desfeito dela de qualquer maneira.

O bispo D. Manuel de Noronha teria assim ocasião de a adquirir mais tarde ao seu possuidor de então.

Na aparência, a cena representa o templo de Latona, do qual as respectivas sacerdotisas expulsam a cacete um ancião e um jovem.

Porém, nada se encontra na mitologia que a explique.

A expulsão de Frederico e de seu filho do templo da Deusa da Fecundidade pelas suas sacerdotisas deve significar que a Casa de Borgonha não estava disposta a dar azo a que os Habsburgos nela prolongassem a sua geração, o que, afinal, veio a acontecer poucos anos depois.

---

(1) — Vid. Grand Larousse, Vocábulo Couronne.
Maria de Borgonha tinha 16 anos de idade em 1473.



A Tapeçaria do Templo de Latona (C. de 1473-1475)
Museu de Lamego